

Resenha**A Análise dos Espetáculos**

(PAVIS, Patrice. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010, 323 p.)

Tatyanne de MORAIS¹

Para Patrice Pavis, a análise do espetáculo é um tema pouco discutido. Isso porque, segundo Pavis, os pesquisadores que se dedicam ao estudo não divulgam os meios e métodos utilizados, além da abordagem ser um tanto complexa para ser desenvolvida por uma só pessoa. É o caso do que acontece com o espectador, por exemplo, que na maioria das vezes não consegue visualizar e idealizar toda a logística que envolve o ambiente cênico, construindo, assim, a sua própria opinião a respeito da experiência gerada da relação palco-receptor.

A partir dessas considerações, o pesquisador aborda a análise do espetáculo, a fim de oferecer uma restituição ao espectador do seu próprio olhar ao se deparar com dramaturgias. Com o objetivo de compartilhar ferramentas e instrumentos necessários para desenvolver uma segura avaliação teatral, Pavis detalha de forma didática o atual estado da pesquisa, os elementos que compõem as artes cênicas e a recepção, isto é, a relação do receptor com a representação.

O livro é dividido em três partes. No primeiro capítulo, *O Estado da Pesquisa*, inserido na primeira parte, *As Condições da Análise*, Pavis explica o atual estado de pesquisa que se dedica a análise do espetáculo. Nela, realiza um apanhado histórico dos estudos e teorias voltados para o tema. O pesquisador ressalta que, para efetuar uma avaliação, não é essencial ter conhecimento de todos os detalhes planejados pelo autor da obra, assim como descobrir as reais intenções dele em uma peça, mas considerar o produto final apresentado e a experiência pessoal que o receptor obteve por meio do evento cênico. Inclusive, mais de uma vez Patrice Pavis se posiciona a favor de que a relação com o espetáculo se dá a partir da vivência presencial com o assunto, e não por meio de reconstituição, como acontecia no passado, quando críticos se baseavam em documentos e registros, como filmes, fotografias e entrevistas, para analisar uma determinada representação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB)

Nesse contexto, embora Pavis acredite não existir um método correto de análise de espetáculo, ele afirma que a experiência única ao assistir uma apresentação teatral – também única – deve ser a forma ideal de relatar uma encenação. O autor ainda destaca a importância de se analisar cada abordagem e elementos que compõem a arte cênica, mesmo que ele considere que nem sempre o evento cênico seja facilmente descritível. Afinal, muitas vezes alguns gestos, olhares e ações presentes na atuação são imperceptíveis, além disso, há uma problemática a cerca de diferentes métodos e pontos de vista e uma gama de espetáculos contemporâneos, como danças, artes cênicas e até mesmo ópera, que não podem ser generalizados em um único grupo.

Pensando nisso, no segundo capítulo da primeira parte, chamado *Os Instrumentos da Análise*, o pesquisador relata as ferramentas imprescindíveis para realizar uma análise. São eles: descrição verbal, tomada de notas, questionários e documentos anexos, que vão desde fotografias até material de divulgação. Pavis ainda fornece exemplos de questionários, inclusive um formulário elaborado por ele próprio, no qual desenvolve perguntas sobre as características gerais da encenação, cenografia, sistema de iluminação, objetos, figurinos, maquiagens, máscaras, performance dos atores, função da música, texto, espectador e, inclusive, questões sobre o que não é semiotizável, ou seja, aquilo que na leitura da encenação não fez sentido.

Na segunda parte, *Os Componentes da Cena*, Pavis detalha os elementos presentes na apresentação teatral. No primeiro capítulo dessa parte, *O Ator*, o pesquisador dá preferência ao trabalho do ator, que para ele, está no centro da encenação e converge o resto da representação para si. Para isso, ele sugere a Teoria do Ator. De acordo com o autor, o ator assume status duplo, uma vez que é pessoa real e um personagem imaginário. Ele ainda acrescenta que o ator não precisa sentir as emoções, mas deve saber como expressá-las.

Segundo Pavis, a ação do ator é comparável à do ser humano no cotidiano, com acréscimo do faz de conta. Por tal motivo que ele defende que o ser humano se encontra em situação de ator ao notar que está sendo observado por alguém, desempenhando, assim, um papel. Desta maneira, a situação teatral é criada. O pesquisador ainda classifica os diferentes tipos de ator, que podem ser dançarinos, teatral e mímico.

No capítulo *Voz, Música, Ritmo*, ainda na segunda parte, Patrice Pavis se dedica à relevância da voz, do ritmo e da música envolvidos na representação. Ele pontua que

analisar o primeiro elemento é também verificar a relação entre corpo e voz, a forma na qual o ator dá vida a um personagem. A música, por sua vez, tem papel integrativo e desintegrativo para o espetáculo e para os personagens. Esses três aspectos, no entanto, normalmente são percebidos pelo espectador apenas quando outros signos mais notáveis, como ator ou espaço, são examinados.

O autor enfatiza outros elementos materiais da representação, como figurino, maquiagem, objeto, iluminação, olfato, tato e paladar. Conforme o pesquisador, o figurino é uma cenografia ambulante, que se desloca com o ator, preenchendo e constituindo espaço. Não menos importante, a iluminação dá vida à cena, colorindo as ferramentas visuais, sugerindo um evento cênico. Já em relação ao texto, para ele, esse elemento tem evoluído, e a sua legibilidade é relativa, uma vez que há espetáculos que utilizam textos que não foram elaborados para serem entendidos, mas para apenas compor um cenário verbal. Outros, no entanto, não foram entendidos no passado pela sociedade da sua época, porém, valorizados posteriormente.

Na última e terceira parte, intitulada *As Condições da Recepção*, no primeiro capítulo, *A Abordagem Psicológica e Psicanalítica*, o pesquisador expõe a essência de aliar os elementos da representação à experiência do receptor conforme psicologia e psicanálise pessoal. Para ele, o uso dessas disciplinas é útil para compreender a recepção do espectador em si, como indivíduo, e não mais inserido na massa, no público. De acordo com Pavis, “avaliar o efeito produzido no receptor é ser capaz de vivenciar a carga energética da obra e a descarga que se produz no espectador” (p.216). O que conta para o pesquisador é sentir e reproduzir o âmago da encenação.

Ainda sobre o espectador ao presenciar uma representação, no segundo capítulo, *A Abordagem Sociológica do Espectador*, Pavis discorre que ele, na verdade, se encontra no meio de dois mundos, um proposto pela ficção e outro o qual ele vive. Durante o ato, há uma ilusão mimética, em que o receptor oscila entre esses dois espaços. Por conta disso, o autor alerta que é preciso resistir à situação de ver na representação reflexos do cotidiano.

Embora no início da obra Patrice Pavis argumente que a análise do espetáculo seja bastante complexa para ser efetuada por apenas um indivíduo e afirme não acreditar em um método de pesquisa eficiente numa área de tendências contraditórias, o autor

apresenta um material completo sobre as questões ligadas ao teatro e consegue, assim, sugerir consideráveis formas de avaliação de evento cênico.

É com bastante propriedade que ele esclarece os aspectos envolvidos na representação, e de maneira didática analisa e pontua o conceito de espetáculo, os elementos que o configura, e até mesmo, a ideia de receptor e as suas relações sociológicas e antropológicas. Deste modo, Patrice Pavis avança nos debates relacionados às artes cênicas, deixando o vácuo que havia no tema, que era tão temido e pouco encorajado pelos pesquisadores da área.